

# APROXIMAÇÃO ENTRE ESTUDOS HISTORIOGRÁFICOS E AS PLATAFORMAS DIGITAIS DE COMUNICAÇÃO

Poliana Lopes<sup>1</sup>  
Denise Castilhos de Araújo<sup>2</sup>

## Resumo:

Segundo o Ibope (2014), 53% da população brasileira acessa regularmente a internet, que é a primeira fonte utilizada na busca por informações por 47% da população. Uma das principais ferramentas de comunicação pela internet, no Brasil, é o Twitter, rede social digital gratuita na qual os usuários publicam mensagens curtas de até 140 caracteres (*tweets*), que são enviadas para seus seguidores (*followers*), pessoas que decidiram espontaneamente acompanhar o conteúdo de determinado usuário. São interesses e objetivos dos usuários do Twitter arrecadar contribuições para uma causa, mobilizar o governo, encontrar e distribuir notícias, assim como construir redes pessoais ou profissionais ou apenas se relacionar com os amigos. Neste artigo, pretende-se verificar as relações entre o Twitter (assim como outras redes sociais digitais) e os estudos historiográficos, partindo de um questionamento inicial: ao ser usado para narrar acontecimentos, o Twitter pode se tornar um agregador de relatos, os quais podem servir de fonte histórica? Para tanto, busca-se o embasamento teórico em Thompson (2000), Joutard (2000) e Santaella (2010). Também objetiva-se verificar que outras aproximações o Twitter pode ter com a historiografia, a partir das ideias de Virílio (1993) e Chartier (2002). Em análise inicial, percebe-se ser possível essa aproximação, quando o Twitter é usado para narrar acontecimentos, como ocorreu durante a ocupação do Complexo do Alemão, em 2010, ou após a queda do avião que matou o candidato a Presidência do Brasil, Eduardo Campos, em 2014. Quando o Twitter se torna um agregador de relatos, estes podem servir de fonte histórica. Uma das possibilidades levantadas é o uso de redes sociais digitais como documento de História Oral, dando voz aos que normalmente não a têm, como os esquecidos, excluídos ou derrotados, colocando-os como atores da história. Outra possibilidade é a relação da história das mentalidades com as dinâmicas das redes sociais digitais, reforçando que um pensamento relacionado a um fato

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestre em Processos e Manifestações Culturais (Feevale), Jornalista (Unisinos) especialista em História, Comunicação e Memória do Brasil Contemporâneo (Feevale).

<sup>2</sup> Orientadora: Doutora em Comunicação Social (PUCRS); professora do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais e dos cursos de Comunicação Social e Design; pesquisadora do Grupo de Estudos Cultura e Memória da Comunidade na Universidade Feevale.

que seja publicado em rede social digital não é apenas a ideia do usuário, mas do grupo a que ele pertence.

**Palavras-chave:** História Oral. Historiografia. Mentalidades. Redes sociais. Twitter.

## 1. INTRODUÇÃO

Atualmente, 53% da população brasileira acessa regularmente a internet, que é a primeira fonte utilizada na busca por informações por 47% da população. Entre os jovens de 15 a 32 anos, 90% da população acessa a internet regularmente, 93% navegam em sites de redes sociais e 43% consideram a internet sua principal fonte de entretenimento (IBOPE, 2014). O crescimento da internet e o surgimento de novas plataformas estão transformando a forma de relato e registro da história do tempo presente, não apenas do País, mas de todo o mundo. Recentemente, a caminhada dos refugiados sírios de Budapeste (Hungria) até a Áustria foi relatada, via redes sociais digitais, e pôde ser acompanhada por pessoas de todo o mundo através da hashtag #marchofhope.

Uma das principais ferramentas usadas para estes registros é o Twitter, rede social digital gratuita na qual os usuários escrevem mensagens curtas de até 140 caracteres (*tweets*), que são enviadas para seus seguidores (*followers*). No mundo, o Twitter tem 241 milhões de usuários ativos por mês, os quais publicam 500 milhões de *tweets* por dia. O Brasil é o quinto país em total de participantes, com cerca de 10 milhões de usuários ativos: cerca de 5% da população brasileira - ou 9,4% dos usuários de internet no País.

Ao ser usado para narrar acontecimentos, o Twitter tende a se tornar um agregador de relatos, os quais podem servir de fonte histórica. Neste artigo, pretende-se relacionar esta rede social aos estudos historiográficos. Objetiva-se, com isso, verificar o uso do Twitter como uma fonte de História Oral, visto que as publicações desta rede social digital não se resumem aos 140 caracteres permitidos, mas inclui, também, fotos, vídeos e áudios que permitem complementar dados históricos de outras fontes.

Este artigo divide-se em três partes. Na primeira, há a apresentação das características do Twitter, e o seu papel das redes sociais digitais. A segunda parte aproxima o Twitter dos conceitos de história oral, e a terceira, sugere como as novas ferramentas de comunicação digital podem ser usadas pelos estudos historiográficos.

## 2. REDES SOCIAIS DIGITAIS: TWITTER

Para compreender como a rede social digital Twitter pode ser usada como fonte historiográfica, é necessário primeiro compreender seu funcionamento e apropriações de uso. Isto porque as redes sociais digitais demonstram a “extraordinária capacidade dos indivíduos em gerar, difundir e trocar significados na comunicação interpessoal coletiva, em um sistema massivo de rede e em tempo real, no qual tudo tende a estar conectado” (GARCIA; DALY; SUPOVITZ, 2015, p. 55, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Lemos e Lévy (2010) apontam que o uso das redes sociais digitais não se resume à troca de banalidade, pois há um crescente uso e produção de conteúdo o qual vem elevando a qualidade das informações trocadas entre usuários. A ampliação de seu uso é a responsável por uma onda ainda não perfeitamente mensurável, definida pelos autores como a “liberação da emissão”, que inclui não só a palavra escrita, mas também sons, fotos e vídeos que são distribuídos livremente entre pessoas.

Este artigo detém a atenção sobre o Twitter, rede social digital gratuita, na qual os usuários escrevem mensagens curtas de até 140 caracteres (*tweets*), que são enviadas para seguidores (*followers*). Um *tweet* permite a adição de texto, imagem, vídeo, links e também *hashtags*, que são palavras ou frases precedidas pelo símbolo #, que converte o texto em metadado. Usar as *hashtags* permite a indexação de determinada temática, visando à verificação

---

<sup>3</sup> “Extraordinaria habilidad de las personas para generar, difundir e intercambiar significados en la comunicación interpersonal colectiva, en un sistema masivo en red y en tiempo real donde todo tiende a estar conectado.” (GARCIA; DALY; SUPOVITZ, 2015, p. 55)

## XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

[www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos](http://www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos)

quantitativa e à compreensão qualitativa das informações do restante do conteúdo do *tweet* que está associado a elas.

Twitter é atualmente a mídia social mais rápida, simples e econômica, pela qual circula todo o tipo de informação, notícias, ideias, eventos, boatos, materiais multimídia, etc., emitidos a partir de qualquer ambiente profissional ou outras mídias sociais em tempo real. Assim, no Twitter cruzam tanto os meios profissionais da comunicação social (televisão, jornais, revistas, rádio, etc.) quanto qualquer outra mídia social (Facebook, Instagram, Youtube, Flickr, blogs, fóruns, etc.), parte de um vasto registro de tipos de perfis de usuário (indivíduos, ONGs, instituições governamentais, meios de comunicação, grupos de pressão, os periódicos científicos, empresas, marcas, etc.). (GARCIA, DALY E SUPOVITZ, 2015, p. 57, tradução nossa).<sup>4</sup>

No mundo, o Twitter tem 241 milhões de usuários ativos por mês, os quais publicam 500 milhões de *tweets* por dia. O Brasil é o quinto país em total de participantes, com cerca de 10 milhões de usuários ativos. Este número representa cerca de 5% da população brasileira - ou 9,4% dos usuários de internet no País. Deste total, 65% acessa o *microblogging* por celular ou tablet (no mundo, este índice chega a 76%), o que enfatiza o caráter móvel, e a comunicação em tempo real da rede. Um dado interessante é que 40% dos usuários ativos nunca tuitam, apenas consomem conteúdo disponibilizado por outra pessoa.

Segundo Israel (2010, p. 5), há diferentes interesses e objetivos entre os usuários do Twitter, que “tuitam para arrecadar contribuições para uma causa, para fazer o governo tomar uma atitude, para encontrar e distribuir notícias; para construir redes pessoais ou profissionais ou apenas para matar um pouco de tempo com as pessoas que mais gostam”.

Segundo Santaella e Lemos (2010), um importante diferencial do Twitter é que ele une a mobilidade (permitida pela associação do crescimento

---

<sup>4</sup> “Twitter es en la actualidad el medio social más rápido, simple y económico por donde circula todo tipo de informaciones, noticias, ideas, eventos, rumores, materiales multimedia, etc. emitido desde cualquier medio profesional u otros medios sociales en tiempo real. Así, en Twitter interseccionan tanto medios profesionales (televisión, prensa escrita, revistas, radio, etc.) como cualquier otro medio social (Facebook, Instagram, Youtube, Flickr, blogs, foros, etc.) de un muy amplio registro de tipologías de perfiles de usuarios (individuos, ONGs, entidades gubernamentales, medios de comunicación de masas, grupos de presión, revistas científicas, empresas, marcas, etc.).” (GARCIA, DALY E SUPOVITZ, 2015, p. 57)

do número de smartphones ativos às melhorias de sinal de internet móvel) à temporalidade do caráter *always on*<sup>5</sup> inerente às redes sociais 3.0. Ele é “uma verdadeira ágora digital global: universidade, clube de entretenimento, ‘termômetro’ social e político, instrumento de resistência civil, palco cultural, arena de conversações contínuas”. (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 66).

### 3. O PAPEL DO TWITTER ENQUANTO RELATO HISTÓRICO

Para compreender a relação entre Twitter e relato histórico, é preciso primeiro entender porque os relatos de cidadãos comuns podem se tornar relevantes para a construção da história. Afinal, até as décadas de 1920 e 1930 as situações históricas analisadas tinham como foco o jogo de poder entre grandes – países e homens.

Foi quando Marc Bloch e Lucien Febvre, ao fundarem a revista *Annales* – e a *Escola de Annales* –, entenderam ser necessária uma história mais abrangente e totalizante, pois o homem era e se sentia um ser cuja complexidade não poderia ser reduzida a este jogo. A partir deste movimento surge, nos anos 1970, a Nova História, conceito creditado à terceira geração dos *Annales*, conduzida por Jacques Le Goff.

Uma das novas perspectivas apresentadas pela Nova História é a História Oral, definida como um método que utiliza entrevistas com participantes dos eventos do passado visando sua reconstrução. Ela foi estabelecida em 1948, quando o historiador Allan Nevins começou a gravar as memórias de pessoas importantes da vida americana. (THOMSON, 2000)

A força da história oral está, segundo Joutard (2000), em dar voz aos que normalmente não a têm – os esquecidos, excluídos ou derrotados –, mostrando que cada indivíduo é ator da história. Mesmo quando há registros escritos, o oral revela realidades ausentes nos documentos. Joutard (2000) ressalta ser necessário reconhecer os limites da história oral: “as fraquezas da

---

<sup>5</sup> Sempre conectado, em tradução livre.

própria memória, sua formidável capacidade de esquecer, que pode variar em função do tempo presente, suas deformações e seus equívocos" (p.34). Ao trabalhar-se sobre os dados disponibilizados nas redes sociais digitais, este esquecimento pode ser minimizado, visto que os depoimentos ficam registrados, seja por escrito, áudio, vídeo em até mesmo em fotografias.

A Figura 1 apresenta um exemplo de dado disponibilizado no Twitter: um vídeo mostrando os refugiados sírios caminhando da Hungria em direção Áustria, em um ato identificado nas redes sociais digitais como #marchofhope<sup>6</sup>. A hashtag foi usada para agregar publicações e mostrar ao mundo a caminhada de mais de mil refugiados sírios que decidiram ir de Budapeste (Hungria) a Viena (Áustria) a pé, visto que os trens estavam impedidos de sair da estação Keleti, transformada em campo de refugiados. Ao longo do caminho, os cidadãos húngaros ofereceram comida e ajuda, incentivando os refugiados a irem em frente<sup>7</sup>.

**Figura 1 - tweet da Istanbul Themes sobre a #marchofhope<sup>8</sup>**



Fonte: < [https://twitter.com/ISTANBUL\\_THEMES/status/639835625793933313](https://twitter.com/ISTANBUL_THEMES/status/639835625793933313) > Acesso em: 8 set. 2015.

<sup>6</sup> Marcha da Esperança (tradução nossa).

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://oplatz.net/2015/09/04/hungary-marchofhope-refugee-resistance-against-border-regime/>>. Acesso em: 6 set. 2015. (tradução nossa)

<sup>8</sup> Tradução: "#marchadaesperança #bemvindosrefugiados #marchadosmigrantes Em direção a #Austria. #Budapeste."

Em entrevista a Revista de História da Biblioteca Nacional, Meihy (2011, online) destaca que

as fontes orais são consideradas importantes por possibilitarem abordagens que vão além das informações filtradas por documentos oficiais e oficializados. É importante reconhecer na História os seres humanos e não tratar situações como se fossem movimentos institucionais. A humanização da História não ocorrerá sem a consideração dos seres vivos.<sup>9</sup>

Considerando-se que o Twitter, assim como as outras redes sociais digitais, pode ser uma ferramenta para coleta de impressões e depoimentos, ele se enquadra como elemento da História Oral. Esta relevância foi citada por Joutard em 2000 (p. 42), quando ele afirma que

as novas tecnologias também multiplicam os documentos orais que não decorrem exatamente da história oral, mas aos quais precisamos dar atenção: os áudio-livros, as vídeo-cartas e, mais além, como integrar o conteúdo dos inúmeros fóruns da internet, ou das páginas de simples particulares da web? Paradoxalmente, voltamos à escrita, mas a uma escrita muito mais amplamente difundida, mesmo que hoje envolva apenas uma minoria.

Ao destacar que as ferramentas digitais de comunicação podem fazer parte dos documentos de História Oral, Joutard abre um novo campo de análise. Neste sentido, retoma-se Santaella (2010), que apresenta o Twitter como um espaço colaborativo de difusão contínua de ideias, no qual questões podem ser livremente debatidas e respondidas, sendo assim um termômetro social e político e instrumento de resistência civil.

Percebe-se, então, que os registros das redes sociais digitais, chamados também de *big data*, podem ser reconhecidos como elementos de história oral. As pessoas usam seus perfis em redes sociais digitais para relatar, conversar, falar espontaneamente sobre determinados assuntos, retratando sua opinião sobre eles, o que pode ser usado para estabelecer parâmetros, identidades, posicionamentos sociais.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/gente-da-historia/diagnosticador-do-presente>> Acesso em: 04 set. 2015.

## XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

[www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos](http://www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos)

Ferreira (1994, p. 9) indica duas linhas de trabalho com história oral, as quais não são excludentes e podem, em muitos casos, se entrecruzar:

A primeira delas utiliza a denominação história oral e trabalha prioritariamente com os depoimentos orais como instrumentos para preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas. Esta abordagem tem-se voltado tanto para os estudos das elites, das políticas públicas implementadas pelo Estado, como para a recuperação da trajetória dos grupos excluídos, cujas fontes são especialmente precárias. [...] Na recuperação da história dos excluídos, os depoimentos orais podem servir não apenas a objetivos acadêmicos, como constituir-se em instrumentos de construção de identidade e de transformação social. Ainda que nesta segunda linha se introduzam conceitos de memória coletiva, não se evidencia uma discussão mais aprofundada sobre as implicações do uso da noção de memória. Em muitos casos a noção de memória é apresentada como algo estável e congelado no passado a ser resgatado pelo pesquisador.

A reflexão de Ferreira remete às formas de registro apropriadas pelo Twitter, que inclui não só a palavra escrita, mas também sons, fotos e vídeos que são distribuídos livremente entre pessoas (LEMOS; LEVY, 2010). Esta “liberação da emissão” permite que as pessoas, enquanto participantes de um fato histórico, registrem o acontecimento e repercutam com outras pessoas, como mostra a Figura 2, também relativa a #marchofhope.



Figura 2 – tweet da Amnesty Internacional sobre a #marchofhope<sup>10</sup>

Fonte: <<https://twitter.com/AmnestyOnline/status/640538578188136449>>. Acesso em: 8 set. 2015.

Outro ponto que se observa é a aproximação com o conceito que Chartier (2002b, p. 70) apresenta sobre a leitura, ao afirmar que ela “não é somente uma operação abstrata de inteligência: ela é uso do corpo, inscrição em um espaço, relação consigo e com o outro”. Trazendo a citação para o contexto deste artigo, pode-se dizer o mesmo sobre as redes sociais digitais: elas são mais do que uma inteligência ou um pensamento isolado registrado digitalmente; elas são também a inscrição em um espaço (online, via ferramenta; e offline, ao aproximar o usuário de um contexto histórico e social) e mais, são a relação consigo (o post é uma reflexão, um pensamento) e com o outro (que tem acesso ao conteúdo postado e para quem o post de dirige, direta ou indiretamente).

As dinâmicas das redes sociais digitais também podem ser estudadas a partir da história das mentalidades, cujo nível é "aquele do cotidiano e do automático, é o que escapa aos sujeitos individuais da história porque

<sup>10</sup> Tradução: “Para os refugiados em Roszke, Hungria, [#marchadaesperança](#) está longe de terminar. via @BCernusakova”

revelador do conteúdo impessoal do seu pensamento". (LE GOFF apud CHARTIER, 2002a, p. 35)

Ao considerar que a mentalidade que regula as representações e julgamentos dos sujeitos sociais é coletiva, mesmo que inconscientemente, pode-se associar o apontamento de Chartier (2002a) ao uso de hashtags pelos usuários de redes sociais digitais, principalmente no Twitter. Quando o usuário usa a hashtag #marchofhope, por exemplo, ele está posicionando-se de forma isolada mas, ao mesmo tempo, está se agregando na coletividade e trazendo um pensamento não apenas seu, mas de um grupo.

A Figura 3 mostra a inscrição espacial apresentada por Chartier (2002b). Isto porque, ao retuitar a foto postada por @MigSzoICsop, o perfil @NewsRevo coloca-se no local e compartilha com sua rede. Além disso, ao adicionar a hashtag #marchofhope ao seu tweet, @NewsRevo agrega seu pensamento à coletividade.

**Figura 3 – retweet de @NewsRevo do tweet de @MigSzoICsop<sup>11</sup>**



Fonte: < <https://twitter.com/NewsRevo/status/639919948815577088> >. Acesso em: 8 set. 2015.

A partir do conceito das mentalidades, chega-se às modalidades de relação com o mundo social de Chartier (2002b):

1. Classificação e recorte que produz as configurações intelectuais pelas quais a realidade é construída pela sociedade;

<sup>11</sup> Tradução: "Maravilhoso! Bravo, cidadãos húngaros. <3 #solidariedade #marchadaesperança doa alimentos. RT @MigSzoICsop Húngaros preparam alimentos quentes para os #refugiados na beira da estrada. #crisedosregufiados."

2. Práticas que fazem reconhecer uma identidade social;
3. Formas institucionalizadas e objetivadas com que os representantes marcam a existência do grupo.

Ao selecionar determinado tema a ser estudado nas redes sociais digitais, é necessário fazer o recorte e classificar as interações sobre ele (modalidade 1): se o objetivo é identificar como começou a Primavera Árabe, por exemplo, deve-se buscar pelo termo “Primavera Árabe” nas redes sociais digitais de pessoas que vivem na região do acontecimento e, a partir dos dados coletados, classificá-los visando narrar o fato.

Com os mesmos dados é possível identificar a identidade social dos falantes (modalidade 2) e determinar grupos sociais (modalidade 3), o que pode ser feito a partir da tematização das interações, da identificação de influenciadores e das pessoas que os cercam.

Desta forma, confirma-se o que Chartier (2002b, p. 73) apresenta: a possibilidade de um afastamento de estudos focados nas lutas econômicas e uma aproximação com o social e as "estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade". Mesmo que a temática estudada tenha relação direta com o econômico ou político e que possa destacar os “vencedores”, as impressões obtidas relatam outros impactos, principalmente sociais.

#### **4. OUTRAS FORMAS DE CONEXÃO DIGITAL**

É importante destacar que os estudos historiográficos podem partir também das novas ferramentas de comunicação digital. Em suas reflexões, Virílio (1993) fala sobre as mudanças nas cidades e como isso se relaciona com a história e com as pessoas. Ao falar sobre limites, fronteiras, distâncias e da diluição da face da cidade e da dissolução dos contornos do espaço físico pela interface da tela, ele pode ser usado como referência às ferramentas de comunicação.

## XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

[www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos](http://www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos)

Quando ele afirma que “a partir de então ninguém pode se considerar separado por obstáculo físico ou por grandes distâncias de tempo, pois com a interfachada dos monitores e das telas de controle o algures começa aqui e vice-versa” (VIRILIO, 1993, p.10), ele enfatiza que o que era microscópico é levado ao espaço comum. Assim, um grupo de nicho não se comunica apenas entre seus membros: com as ferramentas de comunicação digital, um nicho pode estar interligado em todo o mundo, assim como fica disponível para pessoas que não tinham conhecimento dele.

Virílio (1993) também destaca as novas noções de público e privado e de próximo e distante que surgem a partir das mudanças nas cidades – e nas formas de comunicação, pois “o espaço construído participa de uma tipologia eletrônica no qual o enquadramento do ponto de vista e a trama da imagem digital renovam a noção do setor urbano”.

Outro ponto que o autor levanta é a superexposição causada pelas mudanças na cidade e na forma que as pessoas vivem, se comunicam e se informam. Para Virílio (1993, p.14), “essa superexposição atrai a nossa atenção na medida em que define a imagem de um mundo sem antípodas, sem faces ocultas, onde a opacidade não é nada além de um interlúdio passageiro”.

A relação de intermediação dos contatos que Virílio aponta como sendo papel das telas (de televisão) é, agora, feita por aplicativos. Essa imagem, cujo efeito de real parece suplantar a realidade imediata, é transmitida em aplicativos como o Periscope<sup>12</sup> e o Snapchat<sup>13</sup>, que se tornam fonte de informação indireta, midiaticizada.

---

<sup>12</sup> Aplicativo para smartphone com o qual o usuário faz transmissões ao vivo e em tempo real, de onde estiver. Os vídeos transmitidos ficam disponíveis por 24h.

<sup>13</sup> Aplicativo para smartphone que permite ao usuário enviar fotos e vídeos (de até 10 segundos) para seus contatos. Os arquivos enviados são perenes, ficando disponíveis para apenas uma visualização do destinatário, por tempo definido (de 1 a 10 segundos) pelo usuário autor do conteúdo. Após a visualização, o conteúdo é apagado.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo busca reconhecer a rede social digital Twitter como fonte para a construção da narrativa histórica e de estudos historiográficos. Isto se torna possível pois, mais do que um espaço de publicação de opiniões, o Twitter é usado para narrar acontecimentos, como ocorreu durante a Marcha da Esperança, no primeiro final de semana de setembro de 2015, na Hungria, na ocupação do Complexo do Alemão, em 2010, ou após a queda do avião que matou o candidato a Presidência do Brasil, Eduardo Campos, em 2014. Quando o Twitter pode se tornar um agregador de relatos, os quais podem servir de fonte histórica.

Uma das possibilidades levantadas nesta reflexão, é o uso de redes sociais digitais como documento de História Oral, aquela que dá voz aos que normalmente não a têm, como os esquecidos, excluídos ou derrotados, colocando-os como atores da história. Ao citar as novas tecnologias de comunicação e seu uso pelas pessoas “comuns”, Joutard (2010) abre um novo campo de análise, no qual os registros das interações em redes sociais digitais podem ser reconhecidos como elementos de história oral.

Outra possibilidade apontada neste estudo é a relação da história das mentalidades com as dinâmicas das redes sociais digitais. Ao partir do caráter coletivo que as mentalidades carregam, como é apontado por Chartier (2002a), um pensamento relacionado a um fato que seja publicado em rede social digital não é apenas a ideia do usuário, mas do grupo a que ele pertence. Esta ideia aproxima os estudos históricos do social e afasta-os daqueles mais focados nas lutas econômicas e políticas.

Por último, traz-se Virílio (1993) e suas reflexões sobre as mudanças que vivem as cidades – seus limites, fronteiras, dinâmicas. E, a partir dele, pode-se perceber que a diluição da face da cidade pode ser relacionada às novas tecnologias de comunicação, que expõem demasiadamente os usuários e diluem os conceitos de público e privado e de próximo e distante, em um novo mundo mediado pela interface da tela.

## XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

[www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos](http://www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos)

Desta forma, identificam-se diversas possibilidades de relacionar não apenas o Twitter, enquanto rede social digital, com a construção de narrativas históricas. As ferramentas de comunicação digital (conceito que pode, também, incluir as redes sociais digitais) são parte de um novo mundo, mais tecnológico, interligado e conectado, e podem ser incluídas nas mudanças de entendimento, posicionamento e de referência dos estudos historiográficos.

Quando Marc Bloch e Lucien Febvre fundaram a revista *Annales* e a *Escola de Annales* não imaginavam que um dia a história mais abrangente e totalizante que eles acreditavam ser necessária poderia ser contada, em tempo real, por diversas vozes, de diversos níveis de complexidade e influência. Os relatos publicados nas redes sociais digitais, a partir de pessoas “comuns”, podem enriquecer e dar novos vieses aos fatos históricos.

### REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. História intelectual e história das mentalidades. In: \_\_\_\_\_. **À beira da falésia** – a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS: 2002a. p. 23-60.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. In: \_\_\_\_\_. **À beira da falésia** – a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS: 2002b. p. 61-80.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário das diferenças In: \_\_\_\_\_. (Org.). **ENTRE-VISTAS**: abordagens e usos da história oral Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998. p.1-13.

GARCÍA, Miguel del Fresno; DALY, Alan J.; SUPOVITZ, Jonathan. Desvelando climas de opinión por medio del Social Media Mining y Análisis de Redes Sociales en Twitter. El caso de los Common Core State Standards. In: REDES - **Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales**. Vol.26, #1, Junio 2015. p. 53-75. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5565/rev/redes.531>>. Acesso em: 20 jul 2015.

IBOPE (2014). **Internet é a primeira fonte de informações para 47% dos brasileiros, aponta estudo**. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Internet-e-a-primeira-fonte-de-informacoes-para-47-dos-brasileiros-aponta-estudo.aspx>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

**XII SEMINÁRIO DE  
ESTUDOS HISTÓRICOS**

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

[www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos](http://www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos)

ISRAEL, Shel. Introdução. IN: \_\_\_\_\_. **A era do Twitter** – como a ferramenta de mídia colaborativa mais dinâmica da atualidade pode revolucionar seus negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. p.1-9.

JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. IN: FERREIRA, Marieta (org). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. Da opinião pública à inteligência coletiva. IN: \_\_\_\_\_. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010. p. 85-100.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. *Inflow vs. Outflow: Twitter e microdesign de ideias*. IN: \_\_\_\_\_. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Summus, 2010. p. 63-88.

THOMSON, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: FERREIRA, Marieta (org). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

VIRÍLIO, Paul. A cidade superexposta. In: \_\_\_\_\_. **O espaço crítico e as perspectivas do tempo real**. São Paulo: Editora 34, 1993. p. 7-21.